

APONTAMENTOS:

O que pensam os jornalistas brasileiros sobre a cobertura da Covid-19



Cremilda Medina (*)

Durante o período da quarentena provocada pelo novo coronavírus, a produção de pesquisa do grupo que coordeno na Universidade de São Paulo – Epistemologia do Diálogo Social – não ficou em isolamento. Pelos meios digitais disponíveis, fizemos reuniões e escrevemos reflexões resultantes do acompanhamento dos relatos, narrativas e comentários que vêm se sucedendo nas mídias ao longo de março, abril e maio de 2020.

No início de junho, o Jornalistas&Cia publicou uma [edição histórica](#) ao colher a reflexão de 129 profissionais sobre a cobertura brasileira na crise da pandemia do novo coronavírus. Não poderia perder a oportunidade de me debruçar sobre o pensamento coletivo da oportuna amostra de jornalistas. Durante duas semanas, estudei cada um dos depoimentos que responderam a duas questões enviadas pela newsletter (eu também fui convidada a participar): que lições e qual o legado a atual experiência vai deixar no Jornalismo? Dessa significativa enquete, proponho oito tópicos temáticos, que se seguem.

Trata-se de um caderno de apontamentos aberto, de indicação de tendências em processo no vale das incertezas e do provisório.

1 Jornalismo sério, independente, fundamentado

A grande maioria dos profissionais que fizeram sua leitura da produção simbólica nas atuais práticas jornalísticas brasileiras enalteceu o revigoramento dos valores tradicionais perante as ameaças das notícias falsas, distribuídas em redes sociais. Rigor na apuração, correção e compromisso com a sociedade têm atribuído credibilidade e aumentado a confiança na informação qualificada produzida por profissionais que prezam por sua autonomia e os princípios clássicos. Para esses, o Jornalismo tem mostrado força, na crise da pandemia, no confronto com a voz oficial e sobretudo nas frequentes hostilidades do governo Bolsonaro. Nesse sentido, a imprensa (lato sensu) assume o papel

histórico de ator em uma democracia. Para os profissionais, a informação sólida é a principal munição. Informação e análise, dizem alguns. Há os que apontam uma carência: sobra opinião e falta reportagem.

De qualquer forma, nas circunstâncias de difícil trânsito externo para a reportagem, os depoimentos salientam uma cobertura de porte auxiliada pelo aprendizado com a inteligência de dados. Também se observam as dificuldades para trabalhar com precisão no contexto de aceleração e acúmulo de informações que circulam nas infovias. Os mais eufóricos arriscam diagnosticar que esta é a melhor e mais completa ação do Jornalismo Brasileiro. Há até quem se sinta muito estimulado por esse indomável movimento que torna a expressão mais sedutora. Mas lá vem a tônica de grande parte



destas vozes: acima de tudo, ética, conhecimento e experiência qualificam a informação jornalística. Por isso, há quem advogue o aprimoramento da investigação para que se diferencie do “lamaçal do mundo digital”.

Ou que reconhecamos o jornalismo na sua essência, uma atividade de baú de luxo em meio à whatsappização. Vence o tom positivo da profissão – afinal, afirmam, a população aprendeu com o Jornalismo a salvar vidas.

No âmbito mais particular, levanta-se uma questão: esses heróis de linha de frente irão ampliar a autonomia do jornalista? Outras perguntas frequentes: apurar, checar, recheckar sem sair de casa? No conflito com

as fake news, ficará permanente outra interrogação do consumidor de informação – será que isso é verdade? Os mais antigos na profissão, que conhecem a resistência cultural e física em outras crises, reafirmam não dúvidas de mudança radical do fenômeno, mas a afirmação da chave essencial – a

conquista da credibilidade ou a ideologia da verdade há de vencer.

Acréscimos espalhados ao longo dos 129 depoimentos: chega de jornalismo declaratório, atenção à informação regional, local, aprofundar a cobertura em saúde e ciência (meio abandonada nos últimos tempos), o Brasil das periferias e suas histórias merecem seu lugar nas narrativas da contemporaneidade.

2 E as redações vão acabar?

Numerosos depoimentos ensaiam a avaliação de uma mudança importante – o trabalho remoto e o fim do jornalismo impresso marcarão a nova fase. Há dúvidas sobre quanto essa transformação é causada pelas circunstâncias atuais. As posições se multiplicam em três vetores: o grupo que alimenta a esperança de que o convívio da redação volte – tão importante para a discussão de pauta, as trocas de conteúdo e as relações humanas dos próprios profissionais –, ainda que, como em outras etapas históricas, as salas de redação possam encolher; o grupo entusiasta das tecnologias aposta na multiplicação de mídias digitais e o fim dos conglomerados tradicionais; e o grupo que torce pelo equilíbrio entre as situações extremas e visualiza no futuro a possível a construção de modelos híbridos. Para os que defendem as clássicas salas de redação, é aí que o conteúdo se sobrepõe à forma; o planejamento e a edição, à improvisação; o núcleo apurador na elaboração da notícia, às fake news. Claro, nos tempos digitais, a edição requer mais velocidade, mais agilidade.

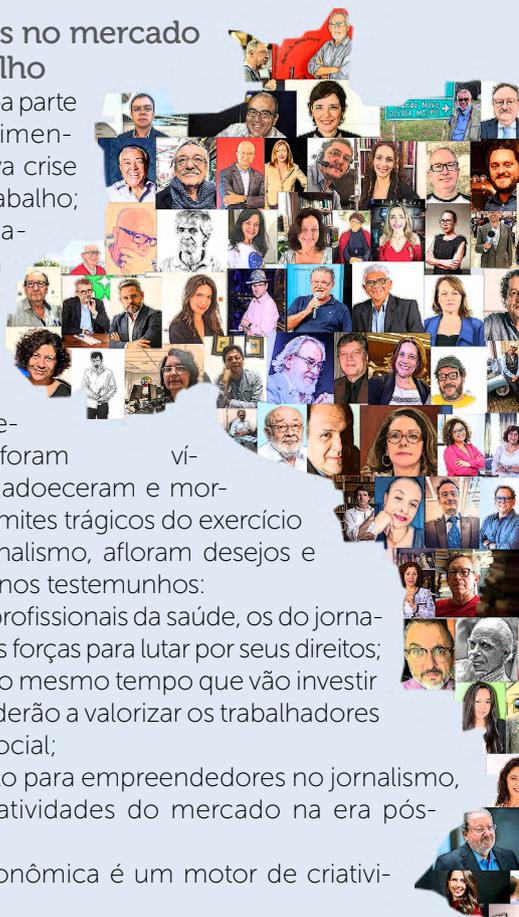
Para os produtores independentes de veículos alternativos, não há como fugir da força da internet. As publicações segmentadas enfrentam – como não poderia deixar de ser – a velha questão do jornalismo regido por princípios sólidos, porque já se desfez, segundo alguns analistas deste dossiê, a ilusão de democratização dos meios nas redes, que acabou em novas concentrações e na avalanche de notícias falsas. Por outro lado, parece que em tempos de isolamento e de trabalho remoto há, para uma parte dos profissionais, a reafirmação da rua – o repórter em trabalho de campo não seria superado na coleta doméstica. “Parece que estou fazendo Jornalismo em Marte”, queixa registrada em um depoimento.

Entre ganhos e perdas, mesmo para quem não é otimista, seremos, a partir da pandemia, menos propensos aos boatos das redes sociais. Deverá imperar também a diversidade de mensagens, de públicos. Rádio, televisão e webs consolidaram suas posições, mas, dizem os mais ponderados, editar será uma operação mais complexa, que não se resolverá só no home office. Alguns estrategistas consideram esta uma boa oportunidade de fidelizar os consumidores de informação jornalística, o que significa, no fundo, estar mais atento às demandas da cidadania. A criatividade desafiará os jovens desta profissão, tão reconhecida no momento. Se com o celular, a grande vedete, os profissionais se acham no centro da cena, uma jornalista experiente confessa em contraponto: ficamos menos valentes, destemidos, mais virtuais, menos pessoais. Outro jornalista da velha geração é sereno: nosso futuro é uma obra aberta.

3 Ameaças no mercado de trabalho

Uma boa parte dos depoimentos acentuou a nova crise no mercado de trabalho; nova, porque ocasionalmente vem à tona esse crucial tema. Desta vez é para valer – muitos repórteres perderam o emprego. Além dos que foram vítimas da Covid-19, adoeceram e morreram. Diante dos limites trágicos do exercício profissional do Jornalismo, afloram desejos e novas expectativas nos testemunhos:

- Junto com os profissionais da saúde, os do jornalismo ganham novas forças para lutar por seus direitos;
- As empresas, ao mesmo tempo que vão investir em tecnologia, tenderão a valorizar os trabalhadores da comunicação social;
- Haverá estímulo para empreendedores no jornalismo, como em outras atividades do mercado na era pós-industrial;
- A retração econômica é um motor de criatividade;





– O reconhecimento e a expansão de coletivos das periferias estão em alta.

– Há um novo desafio: manter e expandir o número de pessoas dispostas a pagar pela informação de qualidade.

– Torna-se visível a necessidade de capacitar os novos profissionais na formação jornalística (os professores universitários da área sublinham essa emergência nos cursos tradicionais).

4 Terceira, quarta guerra?

Os mais dramáticos apontam, nos depoimentos, a função do jornalista como correspondente de guerra. Várias guerras: os que

olham para a História e as duas guerras mundiais do século XX falam da terceira, a do novo coronavírus. Nessa pandemia, foi preciso deixar certas letargias, segundo a leitura dos que se remetem à atual Terceira Guerra Mundial. Por exemplo, abandonar a letargia do press-release, da informação oficial e seus bastidores, sair das mininotas, da visão rasa do mer-

cadismo, não ter como omitir – ao contrário, escancarar – a desigualdade social, a exclusão e a invisibilidade humana. Em determinado diagnóstico, hoje só uma pequena parcela vocalizaria a opinião de aluguel. Nesse conflito, os correspondentes de guerra são alvos de ataques, numa polarização entre jornalistas e poderes. Até o dia 15 de maio, dá conta um testemunho, a mais trágica consequência da guerra contra a Covid-19: 64 jornalistas morreram.

Mas ainda se aponta uma quarta guerra, a de uma classe profissional atuante, vibrante contra um governo obscuro. E tudo o que compõe a luta contra a desinformação. Há, em particular, referências ao conflito com o Ministério da Saúde e os seguidos desencontros de informação técnico-científica. Os jornalistas que viveram os anos 1960-70 da ditadura militar assombram os mais jovens com a atual ameaça à democracia. Nas três frentes dos confrontos – pandemia, economia e ataques do governo –, só mesmo a afirmação do velho e insuperável repórter guerra.

Num ato de contrição, um dos experientes profissionais escreve um rodapé: é preciso reconhecer um erro das coberturas jornalísticas pré-pandemia – o aparente desprezo pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Dada a importância (inclusive perante o quadro internacional) desse serviço público, espera-se que a pauta do futuro continue acompanhando de perto as demandas do dia a dia das pessoas. Nesse mesmo depoimento, diante do panorama interminável da violência urbana que recheia as edições, lamenta o jornalista que a Arte esteja ausente.

5 Na trilha dos serviços

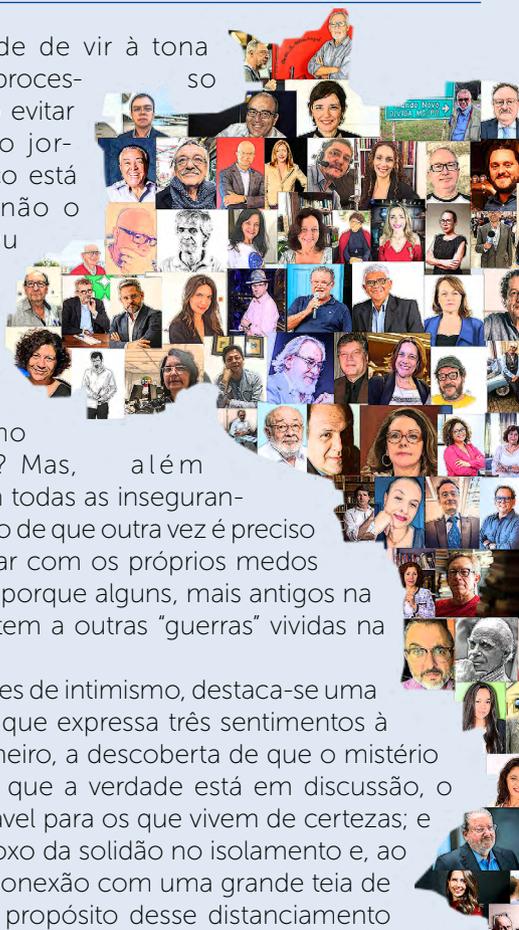
Alguns jornalistas recuperaram o ancestral eixo de informações, aquelas que cumprem a prestação de serviços. Mas implícita à elegia da comunicação social nestes tempos de pandemia, há quem afirme, com convicção, que tal serviço público é movido pela força da sobrevivência. O bem público que o jornalismo presta mobiliza, no caso atual, as vozes dos especialistas, os dados disponíveis, estatísticas exemplificadas em histórias humanas e toda a gama de serviços voltados para comunidades locais, nacionais, bem como a articulação com o panorama internacional. Para certas reflexões, não se trata de simplesmente noticiar serviços, mas abordá-los com edição crítica. Não se entra em detalhes quanto a essa autoria articuladora das informações, a não ser a velha e repetida desconfiança perante a oferta oficial. A bem do equilíbrio entre trabalho de campo (reportagem de pautas generalistas ou especializadas) e a predominância de opiniões, comentários, editoriais, aparece a valorização dessa coluna vertebral jornalística – a prestação de serviços.

6 Flashes da intimidade

Não são muitos os profissionais que se permitem, no dossiê coletivo, abrir o coração para os sentimentos pessoais. Aparecem então os registros da insegurança, da experiência de trabalhar no domínio das incertezas e até mesmo do medo de contágio e da morte. Embora as emoções sejam domadas pela coragem

e pela necessidade de vir à tona com equilíbrio no processo de trabalho, como evitar dúvidas atroz: o jornalismo que pratico está estimulando ou não o pânico social? Ou como na radicalização que se vive hoje, trabalhar pelos consensos? Ou, no tsumani de informações, como resolver escolhas? Mas, além de ter de lidar com todas as inseguranças, afirma-se a lição de que outra vez é preciso aprender a trabalhar com os próprios medos e dores. Outra vez porque alguns, mais antigos na profissão, se remetem a outras “guerras” vividas na frente da batalha.

Entre as anotações de intimismo, destaca-se uma sobremaneira sutil que expressa três sentimentos à flor da pele. O primeiro, a descoberta de que o mistério existe; o segundo, que a verdade está em discussão, o que não é confortável para os que vivem de certezas; e o terceiro, o paradoxo da solidão no isolamento e, ao mesmo tempo, a conexão com uma grande teia de solidariedade. E, a propósito desse distanciamento



físico, há um depoimento que lembra a história do Jornalismo Brasileiro. O primeiro jornal (1808), editado por Hipólito da Costa no exílio em Londres, chegava aos leitores brasileiros.

7 E por falar em história...

Há uns poucos audaciosos que entendem a presença atual do jornalismo com um novo capítulo da História do Brasil. Expõem as seguintes tendências que dariam substância à afirmação:

- Aprender a lidar com o conhecimento plural;
- Revalorizar as instituições;
- Desenvolver empreendimentos jornalísticos mais sólidos;
- Praticar o jornalismo reconhecido como esfera pública, não como fábrica de notícias;
- Reduzir o impacto disfuncional das redes sociais;
- Exercer um papel mais agudo no debate e no ambiente político do País.

Neste novo capítulo analisado por um profissional, outro lhe apõe um contraponto, um único erro histórico: exibir por demais Jair Bolsonaro...

8 Linguagem, conhecimento do conhecimento (epistemologia)

Todos os sete itens aqui propostos como tendências temáticas são muito significativos para quem estuda o Jornalismo, seja na universidade (graduação e pós-graduação) seja na ação jornalística dos que estão em campo e se preocupam em aprimorar suas práticas profissionais. No entanto, chego agora a anotações muito próximas da reflexão epistemológica da linguagem jornalística e seus desafios atuais, manifestos na cobertura da pandemia ou projetados para o período pós-pandemia.

Uma observação preliminar sobre a linguagem está registrada em alguns depoimentos: em se tratando de informações urgentes, vale mudar o critério de esmero na forma e prevalecem os conteúdos. Por exemplo, imagens imperfeitas de celular ou de ambientes não produzidos para ir ao ar na televisão. O que dispensa a edição jornalística dos enquadramentos formais sedutores, mas, em compensação, veicula mensagens dramáticas da circunstância humana na pandemia.

Vale também outra emergência na comunicação social: o deslocamento das fontes, que usualmente se fazem representar nos meios de comunicação, para as periferias de exclusão ou invisibilidade raramente abordadas nas mídias tradicionais. Indica-se aí um rumo social da cobertura jor-

nalística já debatido na teoria, mas longe da pauta cotidiana. No fundo, o antigo apelo, sair dos microfones oficiais para a voz dos que não são ouvidos.

O jornalismo desumanizado, por falta de reportagem, também comparece como condição de narrar histórias de vida dos doentes, dos profissionais de saúde, dos inúmeros trabalhadores que não tiveram chance de fazer quarentena. Ver a vida acontecer, no cotidiano ora trágico, ora comum, ora lúdico, sempre foi o eixo vibrante do protagonismo social (e anônimo) no jornalismo. (O que, aliás, as variadas expressões da Arte também atestam nos personagens de suas narrativas.)

É nesse cotidiano do humano ser (verbo intransitivo, não humilde verbo da voz passiva) que se descortinam os contextos coletivos para ampliar visões parciais e também aí eleger uma investigação com fontes especializadas que possam abrir a lente particular para diagnósticos e prognósticos de dimensão coletiva.

Mas para essa narrativa polifônica e polissêmica é preciso sensibilidade (empatia) e complexidade (rigor racional), o que parece denotar, segundo alguns pensadores aqui reunidos, uma mudança de percepção e disponibilidade para mudar comportamentos reducionistas ou autoritários. Na metáfora usada por desses analistas, um olhar caolho que apenas capta um dos lados da história e dos protagonistas, olhar esse movido pelo pensamento único e pelo conforto das certezas.

A solução apontada nestas considerações não aporta nem nas facilidades tecnológicas, nem nas habilidades técnicas de um profissional multimídia. Para transitar no mundo das

desigualdades sociais, das carências absurdas de saneamento básico ou de educação, para reconhecer os mapas complexos do local, regional, nacional ou global, o aparato de captação tranca as mentalidades assentadas numa formatação de rotina.

Indicam alguns que é na rua que o filtro jornalístico aprende a lidar com incertezas, inseguranças, conflito de verdades e coragem nos enfrentamentos. Da viagem no mundo e dos encontros/desencontros com os parceiros contemporâneos surgem pautas renovadoras. Mesmo no mar de informações (tsumani, como foi nomeado por um dos jornalistas no dossiê), a autoria criativa descobre sua narrativa no calor dos acontecimentos. Viver é editar e quem vive com o radar fino e empático da captação poderá filtrar com sensibilidade complexa, nunca com perfeição, mas em sintonia com a voz íntima da ética possível.

Há quem acuse a formação universitária de ser por demais teórica e pouco prática. A pesquisa que de-





tecta deficiências pedagógicas, porém, não se limita a essa dicotomia, uma vez que, em se tratando de mudança de mentalidades e comportamentos, tanto precisamos de reflexão para inspirar práticas e das práticas se extraem as questões para a reflexão. Mesmo na loucura da atual crise, os profissionais param e tiram da agitação incontida ou do isolamento depressivo interrogantes sobre o Jornalismo. Mesmo porque está mais do que nunca evidente a sobrevivência profissional associada a uma marca. Pode até ser um

Não poderia encerrar esta leitura cultural sem referir o fecho em verso que **Assis Ângelo** escreveu para a edição especial de *Jornalistas&Cia*. Não há companhia mais oportuna do que a produção poética de raiz brasileira, o cordel, para espelhar o imaginário coletivo. Junto com arte de tecer o presente na reportagem, o gesto da arte amplia a sensibilidade perante o Real. Assis Ângelo expande os ecos dos 129 jornalistas ao lhes dedicar um selo histórico:

*Faz-se importante dizer
Que num mundo sem imprensa
Seria difícil viver
Difícil também seria
Crer no homem como um ser*

Ao longo dos versos, o autor vai rimando tempos míticos com o tem-

po da pandemia e o leitor navega da transcendência cultural às amargas circunstâncias da Covid-19. Mas o pano de fundo do jornalismo não sai de cartaz, insistindo no ato de reportar que, por altruísmo, supera o ódio e o radicalismo. Neste capítulo, o cordelista ataca de frente episódios do governo Jair Bolsonaro. Um diagnóstico cru: "Que bicho tem na cabeça?/ Um vírus doido, sem cura".

Após a catilinária de opinião política, o cordel de Assis Ângelo volta à elegia de profissionais, daqueles que fazem a história do jornalismo brasileiro. E numa justa homenagem dedica a palavra rimada àqueles que fazem parte desta edição especial de junho de 2020:

*Estes tempos terríveis
De horror de pandemia
De luta contra a morte
De dor, de agonia
Aqueles que podem leiam
Jornalistas&Companhia*

lance de marketing, no entanto, um professor prediz para os novos alunos da profissão: já no segundo dia da faculdade, deve assumir o desafio de repórter e de autor.

Curioso que, entre essas considerações, duas chamam a atenção na epistemologia do jornalismo: a marca autoral dos profissionais depende da aprovação da sociedade, não um desejo vaidoso de se diferenciar; depois, quem garante que as boas intenções do autor chegarão para convencer as audiências coletivas ou as tribos digitais? (Tenho para mim que recepção é mistério, por mais que se tracem metodologias de pesquisa para a quantificar e qualificar.)

A oitava parte deste itinerário temático tem o arremate que cola com a primeira, o novo jornalismo não seria a redescoberta do antigo? E lá vêm os faróis iluminados ao longo da história: rigor na apuração; zelo na linguagem; compromisso com o interesse público, defesa inegociável da democracia. Para um dos profissionais, o que se resume na boa e velha REPORTAGEM.

No fecho do dossiê, o jornalista que dirige a *newsletter* ainda nos reservaria uma surpresa lúdica. (Salve: o gesto lúdico da arte é um ato emancipatório no caos da História.) **Eduardo Ribeiro** responde à homenagem de Assis a ele e ao editor executivo **Wilson Baroncelli** no canto do cordel:

*Assis é amigo querido
Da Paraíba um talento
Pra São Paulo se mudou
Buscando o seu sustento
Aqui construiu a vida
Com garra de grande rebento*

*Baron é pra ele Barão
Edu sou eu com orgulho
Brincar de cordel com Assis
É música, não um barulho
Um lindo salto no céu
No mar um doce mergulho*

São Paulo, 14 de junho de 2020.



(*) **Cremilda Medina**, jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo, é autora de 20 livros e organizadora de 55 coletâneas. Atuou em jornal, revista, televisão e editora de livros. Como pesquisadora, desenvolveu, na USP, projetos interdisciplinares com debatedores de várias áreas científicas (11 títulos da série *Novo Pacto da Ciência*); projetos disciplinares com alunos de Jornalismo (27 edições de livros-reportagem, série *São Paulo de Perfil*); projetos de narrativas com grupos da terceira idade publicados em *e-books*; e outras coletâneas, organizadas na Fundação Memorial da América Latina ou em universidades brasileiras e internacionais. De sua autoria, a principal linha de pesquisa que pratica como jornalista e como educadora, *Epistemologia do Diálogo Social*, está presente em livros como *Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter* (Summus Editorial, 2014).